

Índice

Prefácio	9
Atenção	11
Descrição	31
Vazio	41
Silêncio	53
Beleza	61
Dor	71
Inatividade	77
Notas	87

Prefácio

Há algum tempo, Simone Weil introduziu-se em mim. Instalou-se na minha alma. Agora, continua a viver e a falar dentro de mim. Iniciei uma conversa íntima e ardente com ela. Senti uma profunda afinidade com os seus pensamentos. Fez apelo a qualquer coisa no meu espírito da qual eu não tinha consciência até então, mas que habitava constantemente, ou melhor, com constância, dentro de mim. Entrou na minha vida numa época em que eu mesmo sentia aquela *força vinda de cima*, que era mais forte do que eu, e que em 1937 forçou Simone Weil a ajoelhar-se na pequena capela românica de Santa Maria degli Angeli, em Assis, onde São Francisco costumava rezar.

Durante toda a vida Simone Weil temeu que os seus pensamentos caíssem no esquecimento, que fossem enterrados com ela. Numa carta ao padre Perrin, escreve: «É uma grande dor para mim temer que os pensamentos que desceram até mim estejam condenados à morte pelo contágio da minha insuficiência e da minha miséria.»¹ Nunca lê sem um estremeamento a história da figueira estéril. A sensação de ser para Cristo como uma figueira infrutífera parte-lhe o coração. No entanto, manifesta a esperança de que alguém possa fazer uso dos seus pensamentos: «Mas quem sabe se aqueles

que existem em mim não estarão pelo menos parcialmente destinados a que o senhor faça uso deles? Eles só podem estar destinados a alguém que sinta um pouco de amizade por mim, e de amizade verdadeira.»² Sinto por Simone Weil uma amizade profunda, uma amizade espiritual. Assim, mesmo quase cem anos depois, posso utilizar os seus pensamentos para mostrar que, para além da imanência da produção e do consumo, para além da imanência da informação e da comunicação, existe outra realidade superior, uma transcendência, que nos pode libertar de uma vida sem sentido, da mera sobrevivência, da torturante falta de ser, e que nos concede uma plenitude capaz de nos proporcionar felicidade.

Atenção

A atenção, no seu mais alto grau, é o mesmo que oração.

Duas aves, companheiras inseparáveis, poisam na mesma árvore. Uma come os frutos da árvore, a outra observa, sem comer.

Simone Weil

A crise atual da religião não se deve simplesmente ao facto de determinados *conteúdos* de fé terem perdido a sua validade, de já não acreditarmos em Deus ou de a Igreja ter deixado de inspirar confiança. Existem, antes, *razões estruturais* das quais não temos consciência, mas que são responsáveis pela ausência de Deus. Entre elas conta-se o *declínio da atenção*. Por conseguinte, a crise da religião é também uma crise da atenção, uma crise da visão e da audição. *Não é Deus que está morto, mas sim o homem a quem Deus se revelou.*

A percepção tornou-se extremamente voraz, desprovida de qualquer amplitude contemplativa. *Come* constantemente. O consumo é a sua atitude básica. O *binge watching* (devorar programas de televisão) expressa muito bem a sua voracidade. *Binge* significa comer ou consumir em excesso. A per-

ceção quase fica *empanturrada* com lixo informativo e comunicativo, com lixo sonoro e visual. Transformamo-nos em *gado* de consumo. A percepção é cada vez mais controlada por estímulos e vícios. Como só está ocupada com *comer*, já não consegue *ver*. Eis o que escreve Simone Weil: «Aqui neste mundo, olhar e comer são duas coisas diferentes. É preciso escolher uma ou outra. Chama-se a uma ou à outra amar. Só têm alguma esperança de salvação aqueles a quem por vezes acontece ficarem algum tempo a olhar em vez de comer.»³ Comer apenas satisfaz necessidades. Só olhar nos liberta da imanência sem sentido do consumo.

A atual crise de atenção tem que ver com o facto de que só queremos comer, consumir, em vez de olhar. A percepção voraz não requer atenção. Ela devora tudo o que se lhe apresenta. Apenas a alma que *jejuar* pode ver. Ao jejuar, ela desencadeia uma *autofagia* que destrói a sua parte inferior e voraz. Só esta *autofagia da alma* nos salva e conduz até Deus: «A parte eterna da alma alimenta-se de fome. Quando não comemos, o organismo digere a sua própria carne e transforma-a em energia. Passa-se o mesmo com a alma. A alma que não come digere-se a si própria. A parte eterna digere a parte mortal e transforma-a. A fome da alma é difícil de suportar, mas não há outro tratamento para a doença. Fazer morrer de fome a parte perecível da alma, com o corpo ainda vivo. Deste modo um corpo de carne passa diretamente para o serviço de Deus.»⁴

A alma que apenas come e não olha perde a capacidade contemplativa. Em vez de autofagia, desenvolve uma *adipositas* [adiposidade]. A sua parte natural e mortal, responsável pela alimentação, aumenta e engorda. Por outro lado, a parte divina da alma atrofia-se e encolhe. A atenção contemplativa é essencial para ver. Ela observa as coisas sem querer apropriar-se delas, incorporá-las. *Quem é capaz de ver esvazia-se, torna-se ninguém*. Cria em si mesmo um *vazio*: «A beleza de